◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

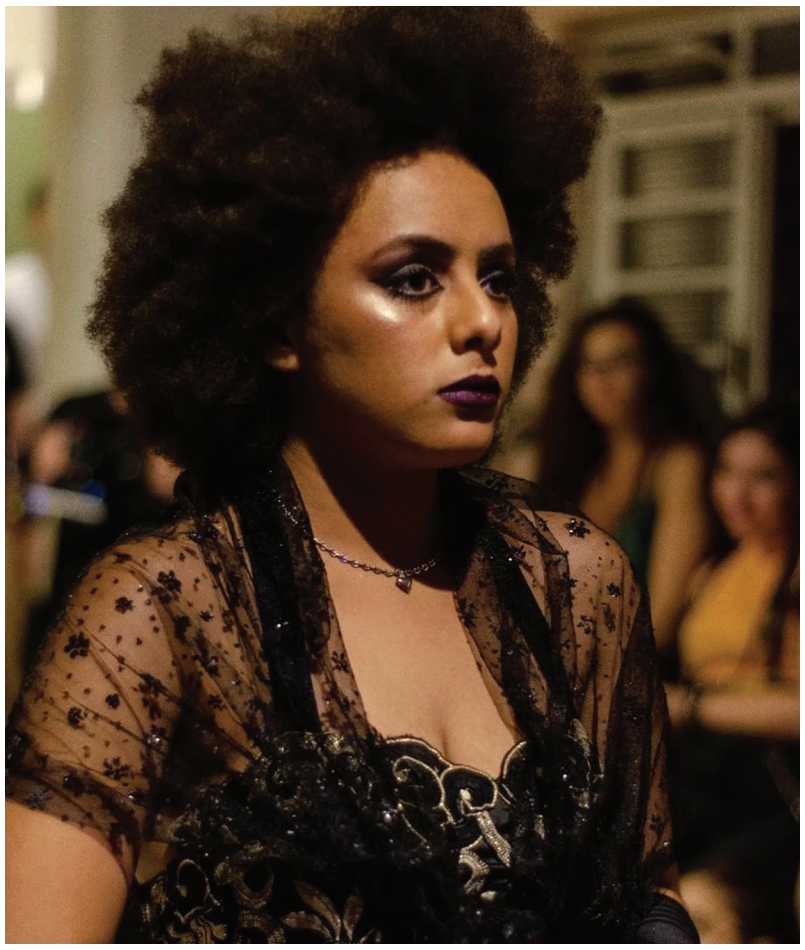
ENTREVISTA: LARISSA JARDIM

Luta negra contra a discriminação

Com racismo em foco, a artista ibitinguense Larissa Jardim luta contra o preconceito e ganha força no meio artístico

REPÓRTER:
ANA CLARA CASOTTI

Na era da informação ainda há preconceito racial e de gênero. E essa é uma realidade também sofrida no meio artístico, em que muitos lutam para mudar. Uma delas é Larissa Jardim, 23 anos, uma atriz ibitinguense (região central de São Paulo, a 370 Km da capital) que busca conquistar seu espaço profissional, tendo que superar, também, a dificuldade de residir em uma cidade interiorana, com 60 mil habitantes. Com esse enfrentamento, cada vez mais artistas negros ganham espaço para seguir seus sonhos e serem respeitados da mesma forma que atores de pele branca.



MURAL ENTREVISTA – Ser artista sempre foi seu sonho? Se sim, quais eram, ou são, suas maiores inspirações?
LARISSA JARDIM – Desde criança eu falava para minha mãe que eu queria ser "atora", porque não sabia falar atriz. Eu não entendia como funcionam as novelas, achava que as pessoas realmente estavam vivendo aquilo e queria participar, tanto que minha mãe sempre brincou que parecia que tinha câmeras em volta de mim o tempo todo, porque eu achava que alguém ia chegar e começar a me filmar. Desde criança eu era encantada pela Taís Araújo, os papéis que ela interpretava, para mim, eram simplesmente fenomenais, e os clássicos, como Fernanda Montenegro. Mas, eu me identificava mais com a Taís, por ela ser uma mulher negra de pele clara.

Nós vivemos em uma sociedade preconceituosa e isso influencia diretamente nas artes. Qual você diria que foi seu maior desafio até agora sendo uma atriz, negra e da comunidade LGBTQIA+?
Acho que meu maior desafio foi fazer com que as pessoas me respeitassem como tal. Quando comecei no teatro foi com uma diretora preconceituosa que sempre falava que meu lugar de representação era como uma pessoa pobre, periférica, que só iria representar esses papéis. Na minha pesquisa de graduação, falei sobre a mulher negra em cena, e como essas mulheres são retratadas de maneira pejorativa, fazendo papéis, na maioria, periféricos. Quando eu entreguei a parte final da pesquisa, a professora que corrigiu me devolveu dizendo que achava que faltavam homens brancos para validar o que eu disse. Então acho que a maior dificuldade é ser validada em absolutamente tudo que eu faça, ou outras mulheres negras façam, independente do campo de atuação. Nós sempre temos que pensar e estar um passo à frente.

Viver no interior do estado, em uma cidade pequena como Ibitinga, torna mais difícil encontrar trabalhos na sua área de formação?
Sim e não. Atualmente, no Brasil, está sendo muito difícil trabalhar com as artes, independente do lugar. Tenho amigos que moram na capital e lá também está difícil. Aqui eu faço o meu corre, vou atrás das minhas coisas e sempre dou a cara a tapa em absolutamente tudo o que eu faço. Eu trabalho mais em Bauru do que em Ibitinga, faço alguns trabalhos sociais dando algumas aulas, mas realmente não tem nada. É em Bauru que eu consigo apresentar meus trabalhos solos, trabalhar na produção, fazer outras coisas dentro da arte.

Recentemente foi lançado o trailer do novo filme em live action da Disney, "A Pequena Sereia". A protagonista, Halle Bailey, sofreu ataques racistas nos comentários do vídeo por "não se parecer" com a Ariel do desenho da década de 1980. Em contrapartida, vídeos de garotinhas negras se identificando com ela estão circulando na internet. Você acha que essa identificação das crianças com uma protagonista negra será uma virada de chave?
Sim. Por mais que eu acredite que muitas empresas gostem de ganhar fama em cima de lutas sociais, como o racismo, eu acredito que, se quando criança eu tivesse tido grandes representações, não teria sofrido tanto. Quando eu tinha uns quatro ou cinco anos, nós íamos fazer uma representação de princesas na escola e falei para a professora que queria ser a princesa e ela falou que eu não me parecia com uma, mas que ela poderia me dar outro papel bem legal. Naquele dia, fui para casa desesperada, falei para minha mãe que queria me parecer mais com a minha avó, que é branca e de cabelo liso. Ela ficou revoltada, mas não tinha como justificar para mim que eu era, sim, uma princesa.

É muito comum vermos a estereotipização da sexualidade em personagens tanto no teatro como no cinema e na televisão. Com o aumento dos movimentos de conscientização que vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade é possível reverter essa situação?
Sim, mas é uma luta que ainda está muito no início. Nós ainda estamos num lugar de mostrar para as pessoas que o movimento existe. Então, sim, estamos avançando nesse processo de mudança, mas a maioria da atuação ainda é para mostrar para as pessoas que nós podemos fazer um filme clássico de romance, sem precisar dizer que estamos lutando por um movimento.

O Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias do Nascimento e sua esposa, Maria do Nascimento, na década de 1970, não foi importante apenas para a introdução de pessoas negras nos palcos, mas também apresentava uma postura política. É possível ver os reflexos do TEN nos dias de hoje?
Indiscutivelmente, até porque o TEN tinha o papel de ensinar essas pessoas negras a estudar, a aprender a ler, a se inserir na sociedade como um todo. Eu acredito que o movimento foi muito importante para que hoje nós tenhamos espaço, tanto que nessa época muitas pessoas eram envolvidas, como advogados negros que representavam os atores. Foi a partir daí que essa luta se uniu, também em relação ao blackface e outras coisas horrorosas que aconteciam. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)